



ESPELHO DA VIDA

RELATO DE VIAGEM A PARTIR DE OFICINA DE FOTOGRAFIA
PARA FORMAR PESQUISADORES INDÍGENAS DO MUSEU KUAHI NO
BAIXO OIAPOQUE

Atilio Avancini¹

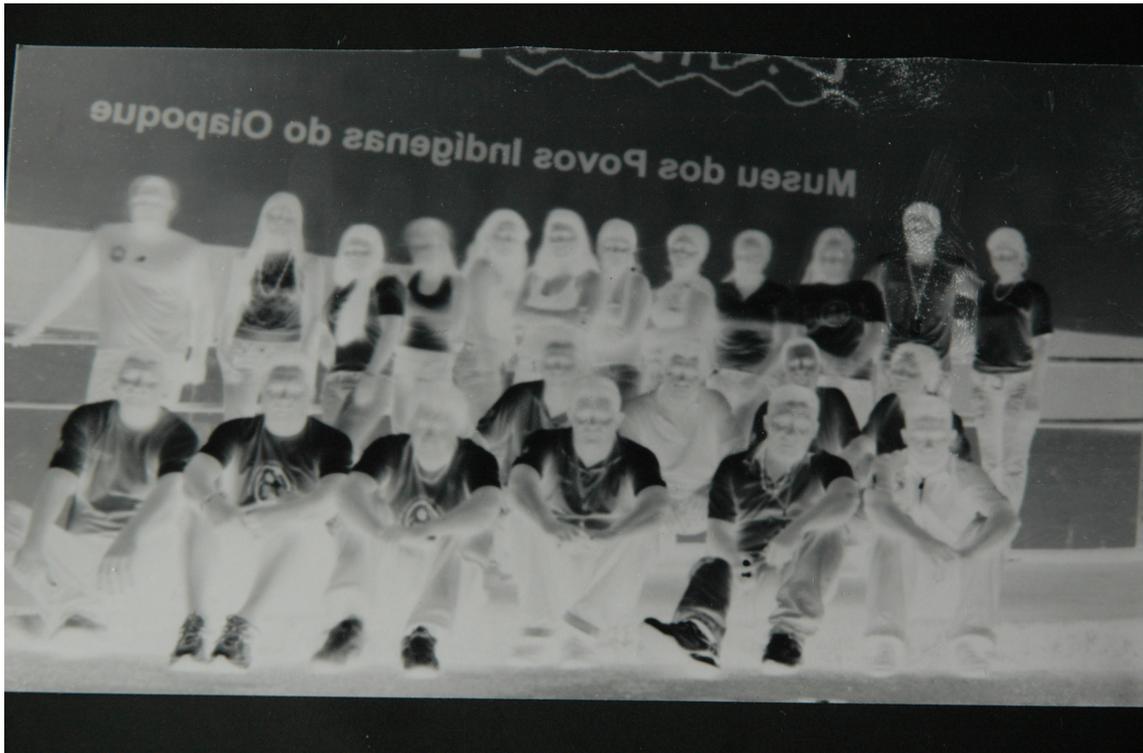
¹ Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP) e professor dos Cursos de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, publicou pela Edusp os livros *Atilio Avancini* (coleção artistas da USP n. 15, 2006) e *Entre Gueixas e Samurais* (2008).

O limpador de para-brisas já não funciona quando o motorista Silney Aniká, da etnia Karipuna, anuncia a chegada. São 21h15 de uma segunda-feira. Entre lama e vapor d'água, mal posso ver a cidade de Oiapoque, Amapá. Os inúmeros buracos encharcados combinam com a trilha sonora do ritmo do “arrocha” da Toyota 3.0. Em 8h de viagem desde Macapá, percorro 600 quilômetros da estrada BR 156, boa parte sem asfalto. Na intensa e ininterrupta chuva, anoto as cidades de Porto Grande, Ferreira Gomes, Tartarugalzinho, Amapá, Calçoene, pontos minúsculos na imensidão das águas e do verde.

Dia seguinte, ministro a primeira oficina de Produção de Imagem (introdução à fotografia) para os funcionários indígenas do Museu Kuahi e de entidades afins, como o Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena (IEPÉ). Com uma didática voltada para a prática, busco a experimentação. A ideia é formar pesquisadores capazes de registrar e arquivar fotografias para gerir o patrimônio cultural de suas raízes nativas. Constatando que a metodologia participativa é a alavanca desses grupos indígenas que habitam o Baixo Oiapoque.

Inaugurado em abril de 2007, o Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque, chamado Kuahi – nome de um pequeno peixe e de um padrão gráfico utilizado na decoração de objetos artesanais –, legitima as manifestações culturais dos povos indígenas dessas grandes áreas alagadas, que acolhem mais de 5 mil índios em terras demarcadas.

Recebo 26 alunos de etnias, aldeias e atividades profissionais diversas. Muitos já adotaram a cidade de Oiapoque para viver. A primeira fotografia é o estranhamento dos nomes: Aldenira, Ariana, Cleniuria, Deuzimar, Diena, Enildo, Jaizinho, Jorsivan, Tacimara. A segunda, a beleza elegante de seus rostos e corpos. Homens de jeans, camiseta, tênis e óculos escuros. Mulheres de sapato alto, decote, brincos, batom e unhas pintadas. Noto o silêncio tímido, o brilho nos olhos, o sorriso solto. São sinuosos como os rios, saudáveis como as florestas, atentos como os pássaros. E são bem organizados e estruturados do ponto de vista político.



Câmera Escura

A câmera escura, relacionada com o olho humano, é o assunto inicial. O olho é como uma câmera – ou melhor, a câmera é como um olho. O exercício primeiro é produzir uma foto com caixa escura artesanal de papelão com orifício feito com agulha. Posam todos os alunos na frente do Museu Kuahi durante 30 segundos. A partir da revelação e positivação da foto, em laboratório analógico improvisado, ganho reconhecimento e autoconfiança. Aproveito para sugerir três visões básicas ao olhar: a paisagem (tipo lente grande-angular), o retrato (lente normal) e o detalhe (lente teleobjetiva).

Dia seguinte, começa com uma prática com a câmera digital no ponto principal da cidade, a orla do rio Oiapoque, no breve espaço de tempo em que deixa de chover. No barro lamacento transitam pedestres, ambulantes, meninas de programa, cambistas, cães vadios, moscas varejeiras, ciclistas, motoqueiros e caminhoneiros, ao lado do lixo. Há um projeto arquitetônico de edificação da orla – parado –, com placas do Ministério de Turismo. Na margem oposta, em verde natural, se apresenta o lado francês. Há o sonho de unir o Brasil à França por uma ponte. Enquanto isso, pirogas (pequenas canoas de origem indígena) ou catraias motorizadas fazem o percurso em meia hora a um custo de R\$ 10,00 por viagem.

No constante jogo entre o belo e o desagradável, uma cena fere a vista. Uma pequena embarcação aporta com cinco búfalos, que descem com o auxílio de guindastes manuais. Eles são obrigados a saltar aproximadamente um metro de altura para adentrar uma portinhola sobre a carroceria de um caminhão. O destino é o matadouro. Por trás dos animais se colocam o chicote do bravo capataz e as mordidas de cão feroz no rabo dos búfalos.

Lente grande-angular

O centro de Oiapoque é o caos: faroeste em clima tropical úmido. O Brasil é visto pelos franceses, simultaneamente, como sujo e grosseiro, mas de gente autêntica e hospitaleira. A população da cidade explodiu com a descoberta do ouro de aluvião, aflorado e espalhado no leito dos rios. De três mil habitantes, em 1987, saltou para 30 mil no último censo do IBGE. Isto sem considerar a população flutuante de 10 mil habitantes por ano.

Ronilson Lima da Silva, ex-garimpeiro e dono de um restaurante-hospedaria ecológico, admite a não necessidade do mercúrio para amalgamar o ouro. Rona, como é conhecido, observa com entusiasmo.

O garimpeiro é um desempregado, que teve a coragem de não esperar pelo Estado. Sua atividade é loteria. Habita lugares clandestinos e sem higiene. A partir dele vieram os meios de pagamento, prostituição, carne e leite de búfalo, mão de obra qualificada (carpinteiro e pedreiro) e drogas (SILVA, 2009).

Corria muito dinheiro clandestino pela cidade, mas com o acordo entre os presidentes Lula e Sarkozy, para vigiar as fronteiras, o garimpo caiu. Mas há quem diga que, assim mesmo, entrou em 2008 meia tonelada de ouro em Oiapoque. Além dos euros deixados pelos turistas franceses. De fato, as inúmeras clínicas dentárias, lojas de última moda e *pick-ups* com vidros enegrecidos e ar refrigerado são sinais do acúmulo de riqueza.

E por que Oiapoque é tão abandonado? Questão de administração pública. Para se ter uma ideia, os últimos três prefeitos foram cassados. O último ainda conseguiu terminar

o mandato, o penúltimo era indígena. Intrigado, vou ao prefeito no final do expediente. Bato na porta de madeira rústica de sua secretária, que expõe aviso sobre o artigo 331 do Código Penal: “desacatar funcionário público no exercício da função ou em razão dela: detenção de seis meses a dois anos ou multa”.

Na sala de paredes vermelhas, onde o prefeito exerce as suas funções, espreito alguns fetiches: bandeira brasileira, retrato emoldurado que estampa o rosto do político, crucifixo, televisão ligada. O ar refrigerado é acolhedor, como a fala é mansa. Atrás da mesa escuto um “ex-garimpeiro honrado”, assim conhecido popularmente. O recém-empossado Agnaldo Chagas da Rocha (PP) explica.

Oiapoque é como a periferia de uma cidade grande. Vamos começar com o Plano Diretor vinculado com o BNDES para reunir mais recursos. Agora, com menos corrupção, a arrecadação mensal do município já saltou seis vezes. Mas estamos inadimplentes em todos os setores, como a merenda e o transporte escolar (ROCHA, 2009).

O estado do Amapá é movido às folhas de pagamentos – toda família possui ao menos um funcionário público. Com apenas 20 anos, o estado ainda recebe muitos recursos. O poder de compra é alto, mas a cultura do “dinheiro fácil” é imediatista e de difícil gerenciamento. A violência urbana, mesmo com toda a desigualdade social, é baixa. Não se vê ninguém a dormir nas ruas, tampouco adultos ou crianças pedintes. Ou seja, há gente pobre, mas não miseráveis.

A vizinha *Saint-Georges de l'Oyapock*, Guiana Francesa, salta aos olhos pela ordem, limpeza, preservação, ruas asfaltadas, arquitetura típica em madeira. Crianças praticam esportes e andam de bicicletas com suas mochilas escolares nas costas. O antigo lema francês do século XVIII é cumprido à risca: ensino gratuito e obrigatório. O orçamento anual da cidade é dez vezes maior que a vizinha brasileira. Entretanto, para os franceses do velho continente, há uma acomodação geral na população, parecendo lugar sem vida.

Os prefeitos de ambas as cidades procuram projetos bilaterais pautados na educação, saúde e cultura. Principalmente para diminuir a travessia de brasileiros. A França paga

uma conta alta. Há ajudas do Estado para inserção social, educação dos filhos, moradia, plano de saúde, educação especial. Por outro lado, a Guiana é reduto militar, com a maciça presença dos *gendarme*, além de base para lançamento de satélites.

Lente normal

É inverno, época das chuvas, mas serena o tempo. E o Museu Kuahi organiza uma saída fotográfica para duas aldeias próximas, da etnia Karipuna, considerada bastante heterogênea. Sábado de luz intensa, 8 horas da manhã, um caminhão da Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque (APIO) nos aguarda. Os fotógrafos iniciantes vão sentados em bancos sobre a carroceria. Depois de 20 quilômetros de asfalto adentramos a área indígena de Uaçá, passando pelo posto de fiscalização da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Em estrada de terra chegamos à aldeia do Manga, cuja população indígena é considerada a mais influente da região.



Os Galibi Kalina, Karipuna, Palikur e Galibi Marworno somam uma população de aproximadamente 5 mil pessoas, distribuídas em 36 aldeias e localidades adjacentes nas terras indígenas Uaçá, Galibi e Juminã, demarcadas e homologadas, que configuram uma grande área contínua, cortada a oeste pela BR 156, que liga Macapá a Oiapoque. Os grandes rios Uaçá, Urukauá e Curipi que banham a região têm suas nascentes dentro da área indígena, mas são cortados, muito próximo às suas cabeceiras, pela própria BR

156. A leste, em direção ao rio Cassiporé e o Oceano Atlântico, a paisagem é tipicamente de savana e campos alagados com numerosas ilhas onde se localizam as aldeias, sítios e roças. A oeste, prevalece a floresta tropical de terra firme com árvores de grande porte e muitas palmeiras. As montanhas Cajari, Carupina e Tipoca se destacam nessa paisagem plana como marcos inconfundíveis para quem anda pela região (VIDAL, 2007: 12).

Enquanto alguns fotografam a manufatura da farinha de mandioca – desde o tipiti (secador da massa) até o cozimento em enormes tachos de ferro –, é preparada a catraia do Museu. O barco desliza sobre as águas escuras do rio Curipi em direção leste. O vento suspira sons e transpira chuvas inverniais. A paisagem natural – plena e onipresente – é totalmente preservada.

Muitos espelhos d'água, enseadas silenciosas, igarapés navegáveis, várias espécies de pescados e mais de 700 espécies de pássaros criam algo como o paraíso. Surgem montes, como o Cajari, onde encontraram um avião americano sucumbido durante a II Guerra Mundial. Nessa região, rica em cassiterita, há um lago no pé da montanha. Uma lenda dá vazão àquele mito segundo o qual os barcos afundados pela cobra mística lá reaparecem.



Pajé Maximiniano

Maximiniano, pajé da aldeia Espírito Santo, me recebe apenas de calção na porta de sua palafita, constituída por paredes e assoalho de madeira e cobertura de inajá (folha de palmeira). O feiticeiro-xamã, ou médico da natureza, explica que quando cura recebe visões de outros mundos e sua força está guardada no pakará (cesto de medicamentos). “Deus dá o dom. Ao fumar o tawari e cantar, incorporo os espíritos dos bichos – cobra, onça, ave. Eles chegam e explicam os remédios, como o banho, o chá e a esfrega. O jandão (bastão) e o pakará são sagrados e intocáveis” (MAXIMINIANO, 2009).

O cacique Iranilson Forte é professor concursado pelo Estado do Amapá. Ministra suas aulas na própria escola da aldeia para alunos da primeira à quarta série. Há 15 professores e 200 crianças, entre 4 e 7 anos. As crianças não faltam às aulas e aprendem duas línguas, o português e o regional patoá. A aldeia possui 75 famílias e 520 habitantes. Tudo é aprovado pela comunidade – dirigida por oito conselheiros, incluso o cacique e o pajé.

Somos cidadãos brasileiros. Lutamos pela valorização do agricultor. Aqui tudo é manual, não há fertilizantes para o plantio da mandioca e da banana. Trabalhamos em mutirão. A lei interna existe, caso alguém fique bêbado é punido com quatro dias de faxina. Não há roubo, nunca houve homicídio, não há drogas (FORTE, 2009).

A aldeia recebe uma cota de energia elétrica do Estado. Vendem farinha de mandioca, bananas, peixes e caças para a merenda escolar e em Oiapoque. Evidenciam um mundo em que troca e convivência são mais importantes que o acúmulo de riqueza material. Muitos andam com celular. Surpreende a quantidade de antenas parabólicas, a maioria das casas possui televisão. Mas há um elevado número de jovens e adultos afetados por doenças sexualmente transmissíveis.

Grande parte das festas da aldeia Espírito Santo, como o próprio nome, vem da tradição cristã. E há processos culturais típicos como o turé – festa anual na lua cheia de outubro, dedicada aos entes sobrenaturais pelas suas curas. O pajé canta noite adentro, todos da comunidade dançam e bebem caxiri (fermentado alcoólico de mandioca). O canto, o

chocalho e a clarineta de bambu – sem o uso das cordas e tambores – são típicos na região do Baixo Oiapoque.

Lente teleobjetiva

O antropólogo Francisco Paes endossa que a melhor maneira de interagir com os índios é respeitá-los como seres humanos. E não os considera aculturados: “são donos de um conhecimento milenar” (PAES, 2009). De fato, preservam o meio ambiente pelo conhecimento em manejar a natureza. E produzem diversos artefatos para a vida cotidiana ou rituais: cuia, cestaria, escultura, tecelagem, cerâmica, instrumento musical, plumária. Belo acervo desse patrimônio do saber se encontra à disposição no Museu Kuahi.

No estado do Amapá, devido basicamente à ausência de acesso por terra, houve pouca vocação predatória via latifúndios (centrado na monocultura, pecuária, trabalho escravo e devastação do meio ambiente). Tanto melhor para os nativos locais que, via comunicação oral, puderam continuar gerindo seu território pela sustentabilidade.

O Brasil não vai mais do Oiapoque ao Chuí. Em 1931, uma expedição demarcadora de fronteiras concluiu que o ponto mais ao norte do país é o Monte Caburaí, em Roraima. São 84,5 quilômetros mais à frente que a antiga referência (o cabo Orange no Oiapoque é apenas limite marítimo). No entanto, demorou mais de 70 anos para que o Ministério da Educação corrigisse os livros escolares. Algo semelhante com o discurso popular da ditadura militar que se referia à Amazônia como “terra sem homens”.

A oficina termina com a exposição fotográfica “Espelhos da Luz”, com 26 fotos coloridas, no próprio Museu Kuahi. Fala o texto de abertura “fotografar é um espelho da vida do ser humano” (MACIAL, 2009). A mostra faz parte de ações para a apreensão de conhecimentos em comunicação, canal alternativo importante para o relacionamento comunitário e com o conjunto da sociedade.

As fotos-artefato expressam o modo de vida das aldeias indígenas e o dia a dia de Oiapoque em documentos produzidos pelos próprios índios. Revelam algo próximo, referenciado pela noção de pertencimento. As imagens captadas reverberam um mundo

simples e ao mesmo tempo complexo. Um universo representado pela vivência, leitura simbólica e generosidade do olhar. Os índios habitam secularmente essas áreas. Mas suas imagens oferecem caminhos nos quais os sentidos estão abertos e em processo de transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISILLIAT, Maureen. *Fotografias*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2009.
- FORTE, Iranilson. Depoimento na aldeia Espírito Santo em abril de 2009.
- MACIAL, Deuzimar. Texto da exposição “Espelhos da Luz” em abril de 2009.
- MARTINELLI, Pedro. *Amazônia, o povo das águas*. São Paulo: Terra Virgem, 2000.
- MAXIMINIANO. Depoimento na aldeia Espírito Santo em abril de 2009.
- PAES, Francisco. Depoimento em Oiapoque em abril de 2009.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ROCHA, Agnaldo Chagas da. Depoimento em Oiapoque em abril de 2009.
- SILVA, Ronilson Lima da. Depoimento em Oiapoque em abril de 2009.
- VIDAL, Lux. *Outros viajantes*. Revista USP, São Paulo, n. 46, 2000.
- VIDAL, Lux. *Povos indígenas do Baixo Oiapoque*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2007.